

LUÍS ALMEIDA

O Paraíso não é por aí...

10 a 24 de Março de 2016

Definir o meu trabalho não é tarefa fácil para mim. Penso que o mais importante é definir, ou tentar descortinar como funciono processualmente. Que elementos aparecem recorrentemente, de que maneira, sob que forma. Os desenhos não são lineares, não seguem nenhuma ordem pré-estabelecida (se bem que se possa argumentar que todos os desenhos já estão delineados à priori).

Penso que grande parte do processo vem de uma ponderação constante das possibilidades de acção no momento que me encontro. O desenho já sugere caminhos possíveis, mas há sempre a desconfiança que essas sugestões mais não sejam que soluções descobertas no passado. Como criar algo novo num desenho que não funcione por simples oposição às sugestões que já estão no papel? E o que é ir contra uma linha curva forte para delimitar o espaço e ao mesmo tempo ser um arco (como o do Robin)?

Fica-se à espera que nova ideia venha?

E essa não será também fruto da rotina e influência alheia? Claro

Parece-me que o desejado é deixar uma outra coisa tomar conta das acções, uma outra coisa que não a razão. Deixar que a linha se mova consoante os desejos e pensamentos. Mas há sempre alguém que vê. Há sempre um analista a direccionar o barco, e é esse que interessa.

Mas quem comanda o barco é quem o dirige e questiona ao mesmo tempo. Para que a máquina funcione, que tenha roldanas a rodar, motores a carburar, e fumo a expelir é preciso fazer a vêr, direccionando o desenho sabe-se lá para onde, ir tacteando às escuras, mas sempre agindo.

Com os olhos abertos no escuro.

Na verdade acho mesmo que o ideal é que a mão esteja em perfeita conexão com a intenção, seja um fiel e profissional súbdito da mente, sempre pronta a agir consoante os seus desejos.

É sempre na mente que o caso se complica. No desenhar há um constante fluxo, é preciso ter fé naquilo que se segue sabendo que esse caminho pode mudar rapidamente, mas a fé deve-se manter inabalável. Nunca se pode errar porque não há caminhos certos, mas não deixa de haver desenhos bons e maus. Errar é seguir um caminho que foi contra o que estava a ser seguido anteriormente. Errar é portanto pôr em dúvida ou desistir, mas aceitar algo novo.

Vendo deste ponto de vista, os meus desenhos são uma sucessão de erros, mas afirmativos (se a crença existir). Um mau desenho ou um desenho banal é aquele que seguiu sempre o mesmo caminho (?). Será que isso faz que um bom desenho seja aquele que nunca aceitou nenhuma direcção?

Há um perpétuo fazer e desfazer, acção e contra-acção.

Há um fluxo que existe sempre, é preciso entrar em contacto com ele e navegar ao seu ritmo.

Alecrim 50
GALERIA DE ARTE

Rua do Alecrim, 50 1200-018 Lisboa
Tel 213465258 www.alecrim50.pt

Horário: 3ª a Sábado das 14h às 19h

LUÍS ALMEIDA

Lisboa, 1985. Vive e trabalha em Lisboa.

2015/16 Residência artística na MArt, Lisboa.

2013 Terminou o curso avançado de artes plásticas no Ar.Co., Lisboa.

Foi recentemente seleccionado para a 66ª edição da Jeune Création. Exposição que decorreu no mês de Janeiro de 2016 na galeria Thaddaeus Ropac, Paris-Pantin.

O seu trabalho incide sobre desenho e pintura. Utilizando diferentes materiais (carvão, lápis, óleos, etc) o artista procura provocar um impacto visual em que sensações inesperadas possam surgir. Utilizando a cor ou o preto e branco as suas obras têm geralmente um carácter anárquico, não obstante, o presumível caos que se encontra na superfície é regido por uma matriz sensitiva e intuitiva.

